

A mudança de perfil do “brasilianista”¹

João Cezar de Castro Rocha²

Transformações do campo de estudos

O levantamento inicial, propiciado pelos 116 questionários respondidos,³ permite propor uma primeira análise, a fim de identificar *modificações importantes no perfil dos estudos dedicados à literatura brasileira no exterior*. Trata-se de questão relevante, que pode ser apresentada através dos seguintes pontos:

1. A ampliação do conceito de literatura, a fim de abranger manifestações da cultura audiovisual e digital;

2. a imposição do conceito de cultura como elemento aglutinador de diversas pesquisas;

3. uma tendência, sobretudo nos Estados Unidos, de valorização de estudos comparativos, correspondendo ao esforço de criação de um perfil mais completo de “latino-americanista”;

4. a necessidade de rever o conceito de “brasilianista”.

Nesta comunicação apenas mencionarei brevemente os pontos acima mencionados. Posteriormente, cada um desses pontos dará origem a ensaio autônomo ou capítulo de livro. Aproveito para esclarecer que as reflexões aqui propostas

¹ Texto da comunicação apresentada no X Encontro da BRASA em 24 de julho de 2010.

² Professor de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Consultor do projeto “Conexões Itaú Cultural”.

³ Após o X Encontro da BRASA, realizado em Brasília em julho de 2010, o número subiu para 131 questionários respondidos. Neste breve texto, levo em consideração somente os 116 questionários cujos dados já foram processados.

representam uma primeira interpretação do banco de dados extraído dos próprios questionários.⁴

A ampliação do conceito de literatura

Em primeiro lugar, vale recordar que o projeto “Conexões Itaú Cultural” *não propõe um conceito normativo de literatura*. Esse ponto é fundamental: se partíssemos de uma definição rígida do conceito de literatura, com base numa anacrônica definição de “alta literatura”, ou com base no eterno retorno da busca da “literariedade”, então, antes mesmo de principiarmos, o mapeamento revelar-se-ia limitador, pois deixaria de fora práticas literárias contemporâneas, cuja relevância não pode ser negada. Em consequência, nosso interesse consiste em apreender a dinâmica contemporânea da vida literária, em lugar de “julgá-la” a partir de critérios normativos.

A ampliação do conceito de literatura encontra-se evidenciada no tema do projeto de muitos dos pesquisadores e professores. Por isso mesmo, vale a pena assinalar alguns exemplos extraídos dos questionários.

Florencia Garramuño, da Universidad de San Andrés (Buenos Aires), desenvolve o projeto “Literatura en un campo extendido”, cujo próprio título esclarece seu alcance. Jens Andermann, do Birkbeck College (Londres) lidera um grupo de pesquisa transnacional voltado para os cinemas brasileiro e argentino, porém sem deixar de trabalhar com a literatura dos dois países. Mary Elizabeth Ginway, da University of Florida (Gainesville), estuda a ficção científica produzida no Brasil, assim como sua recepção no mundo de língua inglesa. Charles Perrone, da University of Florida (Gainesville), pretende estudar o gênero da crônica de Machado de Assis até os blogueiros de hoje em dia. Sonia Roncador, da University of Texas (Austin), estuda a expressão literária de empregadas domésticas e de prisioneiras no Brasil contemporâneo. Mark Sabine, da University of Nottingham (Nottingham), pesquisa a música popular contemporânea, tendo desenvolvido estudos sobre a obra de Caetano Veloso. Maria Manuel Lisboa, do St. John’s College (Cambridge) é autora de importante livro sobre a pintora portuguesa Paula Rego; embora não deixe de pesquisar e escrever sobre as literaturas portuguesa e brasileira.

⁴ O banco de dados encontra-se parcialmente disponível na página: <http://www.itaucultural.org.br/conexoes/estatistica/estatistica.cfm>.

Como se percebe por essa pequena seleção de projetos, *nas condições contemporâneas um mapeamento da presença da literatura brasileira no exterior somente terá êxito se ampliar o conceito de literatura subjacente à própria cartografia*.

Esse fator pode ser demonstrado através de rápida comparação com o pioneiro esforço de mapeamento realizado por Roberto Reis. Em 1977, Reis propôs um questionário, composto por 4 perguntas, que foi respondido por 8 professores: 7 norte-americanos e apenas 1 brasileiro. Em futuro ensaio, analisarei mais detidamente o mapeamento realizado por Roberto Reis, a fim de contrastá-lo com o presente projeto.⁵ De imediato, contudo, basta recordar a primeira pergunta do questionário elaborado por Reis para esclarecer a transformação decisiva ocorrida no campo dos estudos literários nas últimas duas décadas. Eis a pergunta-chave de seu levantamento: “1) ensino de teoria no curso de Letras – sua importância; a crítica literária deve ou não ter uma base teórica?”.⁶

Ora, tal pergunta supõe a centralidade praticamente exclusiva do texto literário como objeto principal de estudos. Contudo, como discutirei na próxima seção, a circunstância contemporânea apresenta uma modificação decisiva; modificação essa que deve ser levada em consideração no mapeamento proposto no projeto “Conexões Itaú Cultural”.

Cultura

A centralidade do conceito de cultura também pode ser verificada nos questionários de que já dispomos.

De um lado, nas últimas duas décadas ocorreu, inicialmente nos países de língua inglesa, mas atualmente em todo o mundo, o crescimento da corrente denominada “estudos culturais”. Tal corrente, sem necessariamente deixar de trabalhar com a literatura, incorpora ativamente outras formas de expressão, destacando-se àquelas associadas aos meios audiovisuais e digitais de comunicação. Muitos dos professores e pesquisadores mapeados possuem afinidades eletivas com os estudos culturais, fato que naturalmente determina a escolha de seus objetos de estudo e a forma de abordá-los. É

⁵ O importante texto de Roberto Reis encontra-se reproduzido na publicação virtual do projeto “Conexões Itaú Cultural”: <http://www.conexoesitaucultural.org.br/?p=1855>.

⁶ Roberto Reis. “A literatura brasileira nos USA”. *Revista Escrita*, Ano II, número 20, 1977, p. 19.

o caso, por exemplo, dos atuais projetos de pesquisa de Anna Klobucka, da University of Massachusetts (Dartmouth), Marta Peixoto, da New York University (New York), Mark Daniel Anderson, da University of Georgia (Athens), entre muitos outros.

De outro lado, percebe-se que, no exterior, é muito comum que o mesmo professor ensine e pesquise tanto literatura quanto cultura brasileira, além de pesquisar, ensinar e traduzir. Dos 116 mapeados, 59 se definiram como professores e pesquisadores; 33 como professores, pesquisadores e tradutores, e apenas 24 como exclusivamente tradutores.

Mais uma vez, vale a pena assinalar alguns exemplos.

Roberto Vecchi, da Università degli Studi di Bologna (Bolonha), especificou seus interesses de pesquisa da seguinte forma: “Pensamento brasileiro, política, história, cinema, de modo geral a própria reflexão metacultural”; em consequência, seus projetos de pesquisa são muito abrangentes e ultrapassam o campo tradicionalmente atribuído à literatura. Horst Nitschack, da Universidad de Chile (Santiago), dedica parte de suas pesquisas ao estudo da “música, cinema, artes plásticas”. Gustavo Sorá, da Universidad Nacional de La Plata (Córdoba), antropólogo de formação, produziu uma obra de referência sobre as trocas interculturais – *Traducir el Brasil* (2003).⁷ Talvez nenhuma resposta tenha sido mais eloqüente do que a de Ettore Finazzi-Agrò, da Università di Roma “La Sapienza” (Roma), ao revelar que se preocupa com “tudo aquilo que entra no âmbito da formação e do processo de identificação da cultura brasileira – da gastronomia até a música, passando pela religião e pelos fenômenos ligados à imigração”.

Posso, portanto, repetir a conclusão relativa à ampliação do conceito de literatura: *considerando-se a centralidade contemporânea do conceito de cultura um mapeamento somente terá êxito se ampliar o alcance da própria cartografia*. Em outras palavras, ao contrário do mapeamento esboçado por Roberto Reis, o projeto “Conexões Itaú Cultural” deve incluir em seu banco de dados pesquisas cujo horizonte temático é atualmente muito mais amplo.

Compreende-se, desse modo, o alcance da resposta à pergunta sobre o tema de preferência ou o objeto principal de estudos: 46 mapeados definiram o cinema como

⁷ O livro de Gustavo Sorá foi importante na definição da base teórica deste projeto.

seu principal objeto de estudos; 43, música popular; 16, artes plásticas, e apenas 6 declararam dedicar-se à literatura brasileira como tema central de suas pesquisas.⁸

Neste caso, é necessário muito cuidado na interpretação desse dado. Seria um equívoco assumir uma atitude nostálgica, “lamentando” o “eclipse” dos estudos literários. Na verdade, os 46 mapeados que estudam prioritariamente cinema *também pesquisam e ensinam literatura brasileira* – e o mesmo é válido para os mapeados que priorizam música popular, artes plásticas, etc.. O que se verifica *não é o abandono puro e simples da literatura como objeto de estudos, mas o privilégio crescente de uma atmosfera interdisciplinar e comparativa.*

Brasilianismo: comparação

Por fim, *a necessidade de ampliar a noção de “brasilianista” revela-se indispensável* como um resultado não somente autorizado, mas também exigido pelos primeiros 116 questionários respondidos.

Este ponto é central e merece algum detalhamento, pois representa uma das principais contribuições derivadas do projeto “Conexões Itaú Cultural”. De fato, no futuro desenvolvimento desta breve comunicação, dedicarei um espaço amplo para o que pode vir a ser *a reescrita da história do “brasilianismo”*. Aqui, porém, limitarei minha perspectiva a uma rápida arqueologia do conceito.

No passado, em geral, o “brasilianista” dedicava-se aos estudos brasileiros quase sempre de forma exclusiva. Hoje em dia, sobretudo entre os representantes das gerações mais jovens (nascidos a partir da década de 1960), *o modelo que predomina é o dos estudos latino-americanos, em chave comparativa* – tal aspecto demanda a ampliação do horizonte do mapeamento.

Recorramos, outra vez, aos questionários.

Um caso paradigmático é o de Mary Elizabeth Ginway, da University of Florida (Gainesville). Eis como ela começou a pesquisar literatura brasileira: “Estudava literatura latino-americana (hispano-americana) e comecei a estudar a língua e a política do Brasil no terceiro ano do curso de graduação”. Ross Forman, da National University of Singapore (Cingapura), apresenta o seguinte projeto de pesquisa: “Ligações entre o

⁸ Para a consulta da lista completa de temas mencionados, ver o banco de dados mencionado na nota de número 4.

Brasil e a o Reino Unido durante o século XIX – Literatura e cinema”; em seu caso, a literatura do Reino Unido representa a fonte principal, mas a literatura brasileira joga um papel comparativo muito importante. Pedro Meira Monteiro, da Princeton University (New Jersey), possui projetos que contrastam as expressões culturais e literárias do Brasil e da Argentina. Florencia Garramuño, da Universidad de San Andrés (Buenos Aires), publicou recentemente um livro estudando o tango e o samba em paralelo – *Modernidades Primitivas. Tango, Samba y Nación* (2007). Pablo Rocca, da Universidad de la República (Montevideu), embora não trabalhe com a literatura brasileira como a fonte mais importante de sua pesquisa, cada vez mais incorpora a literatura e a cultura brasileira em seus trabalhos – seu último livro, aliás, evidencia esse aspecto: *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano* (2006). De igual modo, seu atual projeto de pesquisa revela-se exemplar: *Traducir Brasil*, assim descrito no questionário: “o problema da tradução de Machado de Assis, Lima Barreto e outros escritores da virada dos séculos XIX e XX: o diálogo cultural entre Brasil e o Rio da Prata”. De igual modo, a resposta de Victor K. Mendes, da Universidade de Massachusetts (Dartmouth) acerca de seus primeiros passos como “brasilianista” abre novas portas a serem exploradas: “A partir de 2000 na Universidade de Massachusetts Dartmouth iniciei a preparação duma série de cursos comparatistas das literaturas luso-afro-brasileiras”. Em suma, o mapeamento de “Conexões Itaú Cultural” deve acolher essa transformação no campo de estudos, adotando uma noção mais “flexível” para a definição de “brasilianismo” e, portanto, do “brasilianista”.

Há mais a ser dito sobre o tema.

A formação de um brasilianista

Em importante artigo acerca do tema, Fernanda Peixoto Massi esclareceu a origem do vocábulo:

Brasilianista é termo que (ainda) não faz parte de nenhum dicionário, mas que todos por aqui sabem o que significa. De modo literal, refere-se ao especialista estrangeiro em assuntos brasileiros. Trata-se de uma noção cunhada no Brasil, usada pela primeira vez em 1969 por Francisco de Assis Barbosa em

apresentação ao livro de T. Skidmore, *Brasil: de Getúlio a Castelo*, ainda que alguns atribuam sua origem à imprensa dos anos 70.⁹

O Dicionário Houaiss, contudo, incorporou o termo, definindo-o assim: *brasilianismo*: “estudo de ou especialização em temas brasileiros (esp. por parte de estrangeiros)”. Por extensão, a voz *brasilianista* pode ser dicionarizada desse modo: “diz-se de ou estrangeiro especializado em assuntos brasileiros”. Ora, tal definição supunha certa desconfiança em relação à própria atividade de pesquisa da cultura brasileira por parte de estrangeiros, isto é, sobretudo, por parte de pesquisadores norte-americanos.¹⁰ Nesse sentido, é revelador o caso mencionado por Fernanda Peixoto Massi: “Outro exemplo curioso é um artigo sobre a *História geral da civilização brasileira*, onde colaboram vários brasilianistas no volume sobre República. Diz o jornalista: ‘Para orgulho nacional, resta, pelo menos, de que as melhores partes de *O Brasil republicano* não foram escritas pelos estrangeiros’ (Veja, 1975c)”.¹¹

Ora, o levantamento dos 116 questionários processados revela um panorama muito diferente e que deveria estimular a redação de uma nova entrada nos dicionários!

Vejamos, em primeiro lugar, o local de atuação dos mapeados: 46 dos 116 mapeados trabalham nos Estados Unidos; 10, na Inglaterra, França e Itália; 8, na Alemanha. Em tese, portanto, que o brasilianista continuaria sendo o estrangeiro dedicado ao estudo de temas brasileiros. Contudo, se consultarmos o país de nascimento dos 116 mapeados surge uma surpresa: 32 dos mapeados nasceram no Brasil; 21, nos Estados Unidos; 11, na Alemanha; 10, na Itália; 6, na Argentina.

Ou seja, hoje em dia, o “brasilianista”, muito mais do que nas décadas anteriores, bem pode ser ... um “brasileiro” radicado no exterior. Esse fato pode ser considerado um dos dados mais inovadores do mapeamento desenvolvido neste projeto.

O impacto da literatura brasileira contemporânea

⁹ Fernanda Peixoto Massi. “Brazilianismos, ‘brazilianists’ e discursos brasileiros”. *Estudos Históricos*, volume 3, número 5, 1990, p. 29.

¹⁰ No X Encontro da BRASA, Moacyr Scliar recordou corretamente que essa desconfiança foi parcialmente alimentada pelo clima de repressão política, dominante na época. No futuro desenvolvimento deste breve texto, tratarei da questão com cuidado.

¹¹ Fernanda Peixoto Massi. *Op. cit.*, p. 32.

Uma boa surpresa derivada dos 116 questionários já processados refere-se ao grande interesse despertado pela literatura brasileira contemporânea. Decerto, os clássicos são estudados, mas *os brasilianistas demonstram cada vez mais uma preocupação maior com o aqui e agora da literatura brasileira*. E, talvez em decorrência desse fator, o número de traduções de autores contemporâneos tenha aumentado. No tocante aos autores, por assim dizer, clássicos, os cinco mais mencionados nos questionários são: Machado de Assis com 51 referências nos 116 questionários; Clarice Lispector, com 42; Jorge Amado, com 35; Guimarães Rosa, com 30; Graciliano Ramos, com 24.

Em outras palavras, *o conhecimento da literatura brasileira no exterior é muito mais amplo e inclui ativamente a literatura contemporânea*. Vejamos os números. Dos 116 mapeados, 78 afirmaram interessar-se especialmente pela literatura do presente. Menciono a seguir os cinco autores contemporâneos mais citados nos questionários: Milton Hatoum com 30 referências; Rubem Fonseca, com 24; Moacir Sclyar, com 22; Chico Buarque, com 20; Paulo Coelho, com 18. O importante é assinalar o grande leque de leituras: não parece existir, como se imaginava, uma concentração exclusiva nos autores considerados clássicos, mas, pelo contrário, predomina uma curiosidade real pela produção contemporânea.

Aliás, a preocupação com a produção do presente determina o norte das atividades do Itaú Cultural na área de literatura. Nessa direção, a resposta de Aquiles Alencar Brayner, curador da seção latino-americana da British Library (Londres) merece transcrição integral: “A literatura brasileira vem conquistando cada vez mais espaço entre o público britânico. O que se nota nas universidades da Grã-Bretanha, por exemplo, é um crescente interesse por parte de alunos e pesquisadores em trabalhar tanto sobre a obra de autores já consagrados quanto sobre a obra de autores contemporâneos que vem encontrando fácil acesso ao leitor britânico graças às traduções de suas obras como é o caso de João Gilberto Noll e Rubem Fonseca para citar alguns nomes”. Berthold Zilly, da Freie Universität / Lateinamerika-Institut (Berlim), chega a afirmar, contrariando ou ao menos matizando um célebre lugar-comum: “O interesse pelo português é muito grande, e se houvesse mais oferta de curso, haveria mais estudiosos da língua”.

A análise dos questionários respondidos esclarece que a atual circulação ampla de informação, típica da era digital na qual vivemos, colabora e muito para a superação

de um exotismo óbvio, característico de um determinado momento da recepção da literatura brasileira no exterior. Claro, a internet e as revistas eletrônicas constituem a fonte principal de informação para a maioria dos mapeados.

De igual modo, pode-se propor que *a preocupação com a literatura contemporânea, até mais do que com os clássicos, parece apontar para uma forma mais amadurecida de diálogo*. Afinal, hoje em dia, os grandes centros urbanos compartilham problemas muito semelhantes. Esse é um fator que contribui para a superação do exotismo, favorecendo sua substituição por estudos comparativos de grande interesse.

Contudo, não se trata de afirmar ingenuamente que os antigos problemas foram todos superados. *Porém, vivemos um momento histórico que favorece os próprios pressupostos do projeto “Conexões Itaú Cultural”*.¹² Esse ponto, aliás, foi levantado por Luciana Villas-Boas, no “I Encontro Internacional”,¹³ em seu comentário sobre a comercialização crescente de títulos de autores brasileiros no exterior. Leia-se, nesse sentido, uma passagem do questionário de Victor K. Mendes, da University of Massachusetts (Dartmouth): “A literatura brasileira contemporânea é a mais vibrante das literaturas em português. Na minha opinião, está ainda longe de ter alcançado o potencial de reconhecimento e de circulação internacional que a sua qualidade e a projeção global do Brasil merecem”.

Uma avaliação inicial e perspectivas futuras

O projeto “Conexões Itaú Cultural” já revela um grande potencial, pois o mapeamento proposto deverá ajudar a superar tabus e lugares-comuns. É óbvio que a presença da literatura brasileira no exterior não é dominante, mas, certamente, é maior do que sempre se supôs, e, sobretudo, apresenta potencial de crescimento. Ou seja, embora não seja missão do projeto “Conexões Itaú Cultural” desenvolver políticas públicas, a criação de um banco de dados eficiente deverá permitir a formulação de políticas culturais mais realistas. Desse modo, *esperamos contribuir para uma melhoria*

¹² Em outro texto, “Pressupostos do projeto “Conexões Itaú Cultural”, discuto a base teórica do projeto, enfatizando os conceitos de “emergência”, “rede”, “interação”, além do uso inovador dos recursos propiciados pela tecnologia digital.

¹³ Encontro realizado em São Paulo. A palestra de Luciana Villas-Boas ocorreu em 17 de dezembro de 2008.

qualitativa na percepção da literatura brasileira no exterior, precisamente pela formação de novos diálogos.

Por exemplo, praticamente todos os questionários respondidos destacaram dois pontos em comum: *a necessidade de estimular traduções literárias de qualidade, assim como a necessidade de desenvolver políticas públicas que possuam continuidade*.

Vejamos duas declarações nesse sentido.

Chika Takeda, da Tokyo University of Foreign Studies (Tóquio), fez uma importante ressalva: “Para aumentar a presença, o mais importante é tornar as obras literárias mais acessíveis aos povos. E para isso se necessita incentivar a tradução, mas de alto nível. As obras traduzidas têm de ter alta qualidade em termos linguístico e literário”. Giovanni Ricciardi, da Università degli Studi di Napoli – L’orientale (Nápoles), destacou o aspecto institucional do problema: “Outro elemento que poderia ajudar a difusão da literatura brasileira na Itália seria o financiamento de traduções de textos literários, as bolsas de tradução da Biblioteca Nacional. Um dado de 2006, ano da língua portuguesa convidada de honra na Feira do Livro de Turim. Enquanto o Instituto do Livro português financiou a tradução de 130 obras, o Brasil financiou apenas a tradução de três obras”.

Continuidade: autêntica palavra-chave, repetida em quase todos os questionários. Vale, então, esclarecer a natureza deste projeto: ele deverá desenvolver-se como um “work in progress”, recordando a célebre expressão.